

ORGANIZAÇÃO
ANDRÉ ELIAS MORELLI RIBEIRO
JÚLIA LOMBARDI CARNEIRO
MARCUS VINÍCIUS DO AMARAL GAMA SANTOS
ARTHUR ARRUDA LEAL FERREIRA

BOLETIM DO PORTAL HISTÓRIA DA PSICOLOGIA 3



© 2024

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização expressa da Editora do Portal História da Psicologia

Equipe de realização

Editor Responsável: André Elias Morelli Ribeiro

Revisão final: André Elias Morelli Ribeiro e Júlia Lombardi Carneiro

Capa: André Elias Morelli Ribeiro e Neil Ângelo Santos, com auxílio de imagens geradas por inteligência artificial (DALL-E 3)

Projeto gráfico e diagramação: André Elias Morelli Ribeiro

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Pâmella Priscilla Negrão
Braga CRB-7/6062

B688 Boletim do Portal da História da Psicologia 3. / Organização
 André Elias Morelli Ribeiro et. al. – Rio das Ostras, RJ: 2024.
 p.219 : em PDF.

E-book.

ISBN: 978-65-997325-4-6

DOI: 10.5281/zenodo.14511624

Inclui bibliografia.

1. Psicologia - Brasil - História. 2. Psicologia I. Ribeiro, André Elias Morelli Ribeiro (Organizador). II. Carneiro, Julia Lombardi (Organizador). III. Marcus Vinicius do Amaral Gama Santos (Organizador). IV. Ferreira, Arthur Arruda Leal (Organizador). V. Título

CDD 150.9

Sumário

Tradução

Universalismo e Indigenização na História da
Psicologia Moderna...13

Verbetes

William James...45
O Caso dos Irmãos Reimer...84
Experimento de Aprisionamento de Stanford...107
Teste de Apercepção Temática (TAT)...136
John E. Douglas...166
CAPS Clarice Lispector...184

Resenha

Locuras en Primera Persona, de Rafael Huertas...197

Sobre os Autores...209

Resenha do Livro *Locuras en primera persona*, de Rafael Huertas

Arthur Arruda Leal Ferreira

Luana Oliveira Clemente

Amanda Albernaz de Freitas

Adjailton Ferreira de Albuquerque Junior

Elen Congil da Cunha

Maísa Pachela Garcia

Maria Clara da Silva Quintan

Maurício Continho Pereira

Paulo Vitor Fernandes Costa de Lima

Raphaela Silveira de Oliveira

Victória Farias de Brito

Vitória Maria França de Paula

O livro de Rafael Huertas é uma dessas preciosidades do mercado editorial que não apenas brinda o leitor com material inédito, mas inspira heurísticamente todo um conjunto de novos trabalhos na perspectiva da história em primeira pessoa. Ao longo da obra, uma série de posições epistemológicas são tomadas, alinhando o trabalho com a perspectiva de uma história vista por baixo (conforme uma tradição que vai de Gramsci a Roy Porter). Na sequência das propostas encontramos a de conhecimento situado (conforme as epistemologias feministas de Donna Haraway e Sandra Harding) e o ponto de vista dos Mad Studies (proposto por Richard Ingram). Passamos a um breve exame destes capítulos. Não seria um

equivoco incluir entre as referências a história oral na perspectiva de autores como Alessandro Portelli (2017)

No primeiro capítulo, o autor traça toda uma discussão política sobre o uso do termo loucura (aqui com clara inspiração no trabalho do filósofo Peter Pelbart). Ainda que o livro em sua sequência possa oscilar entre algumas interpretações mais próximas da psiquiatria e condescendentes com as suas leituras diagnósticas, a citada tomada de posição política já no primeiro capítulo é crucial à obra. Os capítulos seguintes podem ser lidos de forma quase independente, mas assinalam uma abordagem que gradualmente passa da validação dos escritos em primeira pessoa (baseado no relato autobiográfico), ao tema das vozes femininas e da militância dissidente.

Já no segundo capítulo, Huertas tece análises sobre as diferentes formas de construção da escrita na loucura, olhando para a subjetividade dos escritores e suas múltiplas expressões. Para isso, ele se utiliza do termo “yo disidente” da autora Ana Martínez Pérez-Canales, ainda que com um sentido um pouco diferente. Na primeira metade deste capítulo o autor nos aponta que a literatura citada estaria em um certo limite entre a obra literária e o delírio/loucura, visto que ela pode ser meio para manifestação de um eu dissidente que se transcreve como arte e material criativo, ao mesmo tempo que pode ser ferramenta para o autor lidar com sua própria subjetividade. Huertas então elabora sobre os escritos de Fernando Pessoa e James Joyce, personagens para os quais a literatura teve, segundo o autor, um papel de salvação. Isso porque, Pessoa, através de seus heterônimos, expõe sua subjetividade e também constrói meios para atenuar sua sensação de solidão e

tormento. Joyce, por sua vez, expõe a linguagem em sua obra de tal forma que o autor parece desaparecer, deixando a linguagem tomar conta de si.

Na segunda metade do capítulo, Huertas segue por um caminho semelhante, mas direciona seu foco para os relatos de sujeitos delirantes, assim parecendo buscar reivindicar uma voz própria da loucura. O autor afirma a importância de olhar em primeiro plano para o sujeito, e não para o delírio, com o intuito que se sobressaia nas análises dos escritos a capacidade do sujeito delirante de construir uma narrativa criativa, a qual mantenha viva sua identidade e que evite uma desintegração do Eu. É perceptível, portanto, um esforço de despsiquiatrização do delírio que, ao invés de ser tomado como aniquilamento do Eu, é pelo autor visto como trabalho subjetivo, numa manifestação singular.

No entanto, embora exista esse esforço, a elaboração de uma íntima relação entre a produção dos autores e sua história clínica chama atenção se consideradas as perspectivas políticas tomadas inicialmente por Huertas. Nesse sentido, podemos notar que o autor parte de análises das obras a partir do efeito delas com relação à progressão clínica do caso, o que acaba passando por uma certa captura pelo discurso psi. Assim, a riqueza dos textos por vezes é enquadrada como expressões de sofrimento que aparecem atreladas a alguma psicopatologia.

Não obstante, é importante ressaltar o sucesso do autor em relatar essas histórias marginalizadas, considerando o papel da escrita enquanto mecanismo de sobrevivência dentro dos manicômios. Assim, trata-se de uma luta que demonstra a realidade manicomial enquanto aniquiladora dessas subjetividades, o que em

muito está distante do objetivo de “cura” ou “tratamento” da loucura, usados geralmente para justificar a existência dessas instituições.

No terceiro capítulo, denominado “Escribir en el manicomio”, partindo da proposta de uma história feita “pelas baixeiras”, Huertas traz cartas de pacientes da Casa de Santa Isabel de Leganés. Tais cartas nunca foram enviadas, tendo sido interceptadas e arquivadas junto aos prontuários. Ao contrário do trabalho realizado no seu livro anterior chamado *Cartas desde el manicomio* (Huertas et al, 2018), no qual as cartas eram simplesmente publicadas, o autor agora se propõe a interpretar tais escritos, mapeando os diferentes usos, produções e estratégias engendradas pelas cartas analisadas. No decorrer do capítulo, Huertas aponta uma série de motivos pelos quais as cartas e ligações telefônicas eram censuradas, dentre eles: coletar dados sobre enfermidade; evitar prejuízos ao enfermo ou a outrem e, ainda, calar denúncias que comprometeriam a instituição psiquiátrica. É feito, então, o mapeamento das negociações e resistências encontradas nas cartas, como: escritos de fúria e vingança, ameaças de suicídio e reivindicações de sanidade.

Embora as discussões tecidas no capítulo sejam de grande relevância para o campo da saúde mental, há pontos que levantam questionamento. Em primeiro lugar, vale trazer em cena o que, no início do capítulo, Huertas chama de paratopia: o não-lugar, um lugar impossível, incapaz de evocar sentimento de pertencimento. Ao perguntar-se se o manicômio seria ou não uma paratopia, conclui-se que esse seria um debate estéril de polaridades falsas, pois deve-se ter em conta os usos e significados atribuídos pelos próprios

internos. Já no início do texto há, portanto, um posicionamento contundente em favor de uma atribuição pessoal e situada ao se descrever a experiência manicomial.

Contudo, há um ponto de virada no texto em que a sobredeterminação do sentido atribuído à cada experiência asilar parece dar lugar a um realismo psiquiátrico. Essa virada se dá, principalmente, ao afirmar que “não temos escolha senão aceitar uma margem de incerteza ao analisar as múltiplas expressões [nas cartas] que negam o transtorno mental, que denunciam o confinamento ou que pedem com desespero um melhor trato” (Huertas, 2020, p. 75). Tal afirmação vai de encontro não só com o posicionamento inicial do capítulo, mas também com o de propostas historiográficas que pensamos ser interessantes. Por exemplo, o trabalho de Meihy (2010) diz que não há mentiras em narrativas; pelo contrário, são as versões dos fatos que mais interessam. Então, argumentamos que temos, na verdade, outra escolha: a de acolher as narrativas das cartas sem submetê-las a “margens de incerteza”, e assim, tomá-las tais como se apresentam.

Por último, vale ressaltar que o percurso histórico traçado por Huertas na construção do capítulo parece corroborar com uma narrativa celebratória das mudanças ocorridas na Casa de Santa Isabel de Leganés. À medida que o autor deixa de lado as cartas manicomiais, retidas no período marcado pela institucionalização, e parte para as revistas produzidas na instituição reformada, a partir do movimento da Antipsiquiatria, parece ser traçada uma história otimista que trata de uma emancipação dos loucos a partir da produção e divulgação dos escritos reformistas. Embora há que se reconhecer os ganhos possibilitados por essas produções, há

também que se situar a escolha desse corte historiográfico adotado pelo autor. Assim, podemos nos perguntar se houve cartas retidas nos prontuários da instituição reformista? Se sim, qual era o teor delas? O que poderiam revelar sobre as continuidades e as rupturas da instituição no decorrer do movimento da Antipsiquiatria? Tais questões, embora não levantadas, são válidas para se pensar em uma história que se volte também para as complexidades do trato com a saúde mental no cotidiano

No quarto capítulo, Huertas reafirma a importância da escrita, abordando-a enquanto uma das formas com que as mulheres institucionalizadas encontraram para resistir aos jogos de poder do manicômio, por meio de denúncias das condições degradantes às quais elas lá eram impostas. Apesar das histórias femininas serem singulares, o marco do gênero carrega um traço comum para que essas mulheres fossem ainda mais descredibilizadas, o que tornou, por vezes, angustiante a leitura dos casos. Parte dessa angústia está no fato das cartas aqui analisadas, assim como as do capítulo anterior, nunca terem conseguido transpassar os muros do manicômio.

Além do mais, Huertas traz uma reflexão muito pertinente sobre a dupla condição subalterna das mulheres, que além de sofrerem com o estigma da loucura, carregam o peso do gênero, ao qual se liga uma ideia difundida até hoje: que a loucura é uma característica “feminina”. Tal fato é evidenciado, inclusive, quando homens considerados loucos recebem atributos relacionados ao feminino, como a irracionalidade e visceralidade, e são conduzidos a lugares históricos ocupados por mulheres como o silêncio e a submissão.

Para compor o capítulo cinco intitulado “Estar loca y ser activista”, Huertas traz a narrativa de Kate Millet, ativista que marcou a chamada segunda onda do feminismo, a qual se deu a partir dos anos sessenta. Kate, em seu livro, “Viagem ao manicômio”, traz uma narrativa em primeira pessoa sobre suas internações involuntárias em diversos asilos nos Estados Unidos e na Irlanda. Huertas traz a perspectiva de Kate enquanto “sobrevivente da psiquiatria”. E, considerando o ditado feminista citado no livro: “lo personal es político”, podemos afirmar que, ainda que a experiência de Millet tenha sido descrita como pessoal, ela se coloca como política ao se assemelhar a de muitas outras pessoas que passaram pelo sistema psiquiátrico.

Os trechos resgatados do livro de Millet foram divididos em subtópicos. No primeiro, intitulado “ingresos manicomiales”, o autor destaca que, em uma tentativa de internação forçada, Millet evita que essa ocorra ao chamar a polícia, argumentando que não se pode obrigar alguém a ser internado sem violar seus direitos civis. Além disso, outro caso interessante relatado é o de quando ela contou com o apoio de um grupo feminista para que saísse de uma internação.

No segundo subtópico, intitulado “el manicomio como institución total” o autor dialoga com as teorizações de Foucault e Goffman para pensar a estrutura dos manicômios. Ele as diferencia da obra de Millet, pois o que por eles foi escrito, por ela foi vivido e sofrido em primeira pessoa.

Ao longo do terceiro subtópico intitulado “¿terapia o castigo?”, o autor traz a questão do tratamento de choque como um mecanismo de punição dos institucionalizados. Além disso, a

medicação também é levantada como um castigo quando ocorria por meio de ameaças com relação à sua aplicação, bem como quando a administração desses remédios se dava sem critério e/ou diálogo com os pacientes. O autor em seguida debate sobre a toxicidade de certos medicamentos que, ainda assim, são largamente utilizados em detrimento do risco para seus usuários, trazendo em cena o depoimento de Millet acerca do uso de lítio. Neste aspecto a sua atuação aparece em sintonia com grupos como GAM (Silveira, 2016).

Nos dois últimos subtópicos, intitulados “estar loca...” e “...y ser activista”, Huertas destaca reflexões internas e sofrimentos de Millet acerca da experiência da loucura, do estigma e da medicação. O autor reflete sobre a questão do diagnóstico e a identidade que se constrói a partir dele. Dentro desse contexto, ser ativista, para Huertas, é romper com uma única forma de pensar a loucura, permitindo-se partir das próprias vivências dos ditos loucos e fazendo, assim uma alusão ao título da obra: loucura em primeira pessoa.

À vista disso, o sexto e último capítulo, intitulado “De supervivientes y activistas”, destaca a transformação de ex-pacientes em ativistas na luta antimanicomial e no ativismo em primeira pessoa. Esses indivíduos, que passaram por experiências dentro do sistema psiquiátrico, encontraram forças em suas próprias histórias e hoje utilizam suas vozes para promover mudanças significativas na lida com a loucura. Além disso, eles têm promovido um movimento que enfatiza o pensar e agir de forma coletiva em relação à saúde mental, possibilitando transcender as limitações do campo técnico-

assistencial e promover um projeto societário de transformação (Passos, 2017).

Nesse sentido, a ativista e ex-paciente Judi Chamberlin é evocada, argumentando acerca do ativismo na “primeira pessoa” que rejeita terminologias estigmatizantes e patologizantes aplicadas pela psiquiatria. A autora propõe uma união entre os chamados “doentes mentais” para constituírem e se integrarem na sociedade sem depender exclusivamente da presença de especialistas, sendo, portanto, uma abordagem centrada na autonomia, no empoderamento e na inclusão.

A partir disso, Huertas passa pela noção de “empoderamento”, trazendo três diferentes formas: o modelo radical, o modelo socioliberal e o modelo neoliberal. Durante o texto, trabalha-se mais com o modelo radical baseado nas teorias crítico-emancipatórias de Paulo Freire, ligadas aos movimentos sociais. Tal modelo estaria atrelado à transformações sociais e ao questionamento do sistema capitalista, visando reconhecer os grupos subalternos. Para aprofundar o conceito de empoderamento, Huertas retoma a ativista Judi Chamberlin, a qual ao ter reconhecido a ambiguidade do termo, afirma que o empoderamento seria uma noção complexa e um processo dinâmico que envolveria alguns aspectos como: poder de decisão, acesso à informação, recursos, entre outros. Além do empoderamento, a noção de recuperação também já assumiu diversas formas, sendo atualmente reduzida, no neoliberalismo, a uma mudança pessoal, e não versa tanto sobre direitos civis e autonomia. Desse modo, tratam-se os usuários como consumidores de serviços, o que os responsabiliza por uma

participação ativa no tratamento, levando ao individualismo e medicalização da subjetividade.

Por fim, Huertas enfatiza a importância do ativismo em primeira pessoa, na medida em que ele questiona o cenário imóvel e fechado da saúde mental, produzindo efeitos para além da lógica vigente. Quando a loucura toma a palavra é possível ampliar as possibilidades de cuidado e denunciar violação de direitos, ou seja, é preciso pensar e agir sobre a loucura de modo a tornar possível novas experiências. Então, desde a literatura, à escrita de cartas, indo até o ativismo antimanicomial, Huertas tece esse extenso panorama das narrativas em primeira pessoa de eus dissidentes. Embora certos pontos levantem questionamento por acenarem para o realismo psiquiátrico e sua leitura diagnóstica, a posição política vigente no livro é de grande contribuição para o campo da história das práticas psiquiátricas. *Locuras en primera persona* é, portanto, uma obra complexa, heurística e seminal que definitivamente merece a leitura.

Instituições financiadoras

Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) e Programa Institucional de Fomento Único de Ações de Extensão da UFRJ (PROFAEX)

Referências bibliográficas

Huertas, R., Villasante, O., Candela, R., Conseglieri, A., Torre, P. V., & Tierno, R. (2018). **Cartas desde el manicomio**: experiencias de

internamiento en la Casa de Santa Isabel de Leganés. 1. ed. Madrid: Los Libros de la Catarata.

Huertas, R. (2020). **Locuras en primera persona**. 1. ed. Madrid: Los Libros de la Catarata.

Meihy, J. C. S. B. (2010). **História oral: como fazer, como pensar**. 2. ed. São Paulo: Contexto.

Passos, R. G. (2018). **“Holocausto ou Navio Negreiro?”**: inquietações para a Reforma Psiquiátrica brasileira. Argum, Vitória, v. 10, n. 3, p. 10-22.

Portelli, A. (2017). **Um trabalho de relação**: observações sobre a história oral. Revista Trilhas da História. Três Lagoas, v.7, no 13 jul-dez, 2017. p.182-195

Silveira, M. (2016). **A formação na Gestão Autônoma da Medicação: políticas e práticas de cuidado em saúde mental**. Tese apresentada no Programa de Pós Graduação em psicologia da UFF,

The background is a complex collage of various geometric shapes and patterns. It includes concentric circles, triangles, squares, and lines in shades of pink, blue, and grey. Some elements resemble technical drawings or architectural plans, while others are more organic and abstract. The overall aesthetic is modern and artistic.

O Boletim do Portal História da Psicologia é uma publicação anual da Editora do Portal História da Psicologia, braço editorial do Portal História da Psicologia. O Boletim tem o objetivo de trazer materiais inéditos e reedições que colaborem com o debate acadêmico, a pesquisa, o ensino e extensão em história da psicologia. Este terceiro volume traz traduções, resenha e verbetes originais de temas relevantes e atuais para o contexto da psicologia contemporânea e o campo brasileiro de estudo em história da psicologia